

O processo de construção do conhecimento: uma tarefa maiêutica

Luzia Maria Werneck*

Resumo

Este artigo tem como origem a mesa-redonda “Os processos de construção do conhecimento acadêmico: conflitos e superações” da aula inaugural do primeiro semestre de 2006, no curso de História. Sobre essa temática tentarei discorrer, tendo como interlocutores o saber e a educação. Pesquisadores de áreas diversas serão convocados: Edgar Morin, Peter Burke, Moacir Gadotti, Frei Betto, João Batista Libânio, Juvenal Arduini. As muitas idéias iluminarão a reflexão, que será alinhavada por pontos e tons diferentes dos vários discursos sobre o conhecimento. As lentes teóricas serão postas para dar nitidez à discussão sobre o conceito de conhecimento proposto pelo texto a partir do diálogo com a educação e o saber.

Palavras-chave: Conhecimento; Saber; Educação; Certeza; Incerteza.

O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta, esfria,
sossega e depois desinquieta. Aperta e daí afrouxa.

O que ela quer da gente é coragem.

(João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*)

Procurava uma palavra que me inspirasse a começar este texto e em minha mesa estava o livro do professor de filosofia Juvenal Arduini que tem, no título, um argumento muito bom: *Ousar para reinventar a humanidade* (2002). Estava lá quieto, sem movimento, talvez observado por mim já há algum tempo. Foi agradável e instigante me deparar com esse título. Comecei a refletir sobre onde pairava o meu olhar.

Escrever sobre o conhecimento e como ele se processa não é algo complexo. Existem várias palavras no léxico que, unidas, podem se desdobrar e

* Professora do Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas.

explicar a idéia de conhecimento e como ele se processa. A aquisição de conhecimento exige e gera conflitos, mas também a superação desses conflitos. O aprender a conhecer tem tudo a ver com a idéia e combinação proposta pelo professor Arduini. Só conhece quem ousa, quem reinventa, quem sai da mesmice do recortar e colar. O que não inventamos é falso. O escritor e cartunista Millôr Fernandes, em crônica publicada em Revista Veja, em dezembro de 2005, nos presenteia com a reflexão: “Nascemos originais e morreremos plágio”. Nesse sentido, afirma o poeta Manuel de Barros, em entrevista ao Programa *Livro Aberto*, da TV Cultura, em abril de 2006, que o conhecimento carece de invenções, envolve, faz a vida chegar de mansinho e entornar como água dentro de nós.

O conhecimento só significa se pulsa e circula. Conhecimento é vida. Conhecer é ser consciente de algo. Conheço algo quando estou consciente desse algo. Conheço meu irmão e estou consciente do grau de parentesco que nos une. Conheço o meu aluno e sei o que se faz necessário na nossa relação. Conheço a natureza e sei que carece de cuidados. O conhecimento é assim, é entranhar, percorrer, ter ciência do que é e do que se quer dar a conhecer. Para que serve o conhecimento? Essa indagação foi feita a algumas pessoas – jornalistas, donas de casa, cozinheiras, professores, adolescentes e algumas crianças. Para cada um o conhecimento tem uma “serventia”.

Para uns, o conhecimento ajuda a viver melhor, a trabalhar, a melhorar a relação com as pessoas dentro e fora de casa. Serve também para atos prosaicos, como ler uma receita de bolo ou escrever coisas bonitas, prostrar e encantar. Uma das pessoas entrevistadas disse que não existe vida sem conhecimento. Conversar com alguém implica conhecer. Quando enxergamos algo, passamos a conhecer, a tomar ciência.

Para o cineasta alemão Wim Wenders, o olhar determina o que vemos e, a partir do que vemos, passamos a conhecer. Como o conhecimento é adquirido ou construído? Que caminhos percorre da simples informação até constituir-se conhecimento? Em que situações ele flui e quando deixa de fluir?

Pensar que o conhecimento deixa de fluir em algum momento da vida humana é dissociar coisas indissociáveis. Segundo Edgar Morin (2006), o conhecimento progride não tanto pela satisfação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar.

O homem é um ser dotado de conhecimento: é *homo sapiens*. Pode ser definido em termos biológicos, sociais e pela consciência. Biologicamente, os humanos são classificados como a espécie *homo sapiens sapiens* (homem

duplamente sábio, homem racional), primata bípede pertencente à superfamília Hominoidea, juntamente com outros símios: chimpanzés, bonobos, gorilas, orangotangos e gibões, dentre outras espécies hoje extintas.

Pelo conhecimento, o ser humano se destaca dos outros seres que o circundam e os supera imensamente. O *homo sapiens* é o único que pergunta, que indaga e que realiza. Então é *homo sapiens sapiens* e, por realizar, é também *homo faber* – homem que usa a técnica para obter um resultado desejado. A técnica apóia-se sobre a experiência do sujeito que a usa ou sobre a ciência que o sujeito possui para chegar ao objeto. A técnica pertence à esfera da utilidade e da eficácia, ou seja, dos meios. Se um arqueólogo usar a técnica preocupando-se apenas com os meios e não com os fins, pode obter com o seu trabalho um efeito simplesmente perverso.

Para Roger Garaudy, pesquisador francês de formação religiosa protestante, que se tornou uma das principais lideranças comunistas, os animais emitem certas respostas, mas não perguntam. O ser pensante define-se pelo perguntar e não somente pelo responder, daí ser *sapiens, sapiens*, que em latim significa sábio, inteligente, instruído, culto, sagaz, prudente, sensato, discreto. O homem que conhece bem é experiente. Para que o *homo* seja *sapiens* é também necessário que seja *sanus* – saudável, racional, sóbrio, correto, puro e virtuoso.

Edgar Morin (2006), ao discutir o pensamento complexo, salienta que o homem é também *demens* – descontrolado, por vezes insano. O conhecimento é parte integrante desse homem e percorre epistemologicamente suas entranhas, fazendo-o visitar lugares externos e internos. “Conhece-te a ti mesmo”, exortou Sócrates na Antigüidade. Há quem refute essa idéia (OLIVEIRA, 2004, p. 40-45).

Se para Marilena Chauí, conhecer é dirigir ao mundo e às pessoas um olhar de primeira vez, quem constrói conhecimento não deve ter um olhar viciado para e sobre o mundo. O olhar carece de arejamento, limpeza e transparência. Construir o conhecimento é olhar com cuidado, pois é o meu olhar que determina o que farei a partir do que vejo. “Se não queres viciar o teu olhar, troque a paisagem”, cantava o poeta e místico Sufi Rumi¹ no século XIII.

¹ O poeta Sufi Rumi nasceu em Vakhsh, vilarejo próximo a Balkh, no Khorassan, atual Afeganistão, em setembro de 1207. Estudou filosofia, teologia e jurisprudência. Além de grande místico e mestre sufi, é também um dos maiores poetas da tradição persa.

No olhar estão os registros do conhecimento, a vivência. Só construímos conhecimento se vivemos com plenitude o que o olhar sinaliza no cotidiano.

O homem é um ser vivente e precisa ser compreendido através das diversas janelas da vida, segundo o professor italiano de filosofia medieval, Battista Mondin (1980). O conhecimento pode ser uma dessas janelas. Ele se abre, se mostra mimeticamente.² Não é inconsútil, pressupõe várias costuras nas relações fronteiriças que estabelece, e nas mais variadas situações.

O homem formula juízos, leis gerais e universais, estuda os corpos sólidos, pensa sobre o que se desmancha no ar, postula sobre o fogo que arde. O homem reflete, raciocina a partir de outras idéias. Adquire e gera conhecimento. Para conhecer, precisa percorrer caminhos sinalizados, apesar de estar muitas vezes imerso na incerteza.

O conhecimento se constrói também no campo das incertezas, alerta o sociólogo francês Edgar Morin (2006) No século XVI o filósofo Montaigne³ já dizia que é melhor ter uma cabeça bem feita do que uma cabeça cheia. Morin, no século XX, fez uma releitura de Montaigne no livro *A cabeça bem feita* (2001). A cabeça cheia de informações pode ser associada à compactação do lixo coletado nas grandes cidades. Os caminhões serpenteiam pelas ruas recolhendo o lixo e depositando-o nos contêineres sem qualquer seleção. Tudo se mistura e vira entulho posteriormente despejado em algum lugar da natureza, onde permanece. Outro caminhão recolhe material selecionado a ser reciclado. Tratado, esse material tem uma “serventia” *a posteriori*: vira caderno, vassoura, brinquedo. Assim é que muitas informações se transformam em conhecimento e outras são compactadas e esquecidas no cérebro.

O educador paulista Moacir Gadotti⁴ (2003) afirmou em entrevista que algumas coisas e informações devemos desprezar, jogar fora, esquecer, pois não terão utilidade para a nossa vida. Para ele, ignorar algumas informações é saudável, pois o acúmulo delas pode nos adoecer. O importante é aprender

² Desejo mimético, conhecido vulgarmente como inveja. Consta que o homem é, por excelência, um ser mimético, principalmente no que se refere ao esconder os traços de caráter indesejáveis e que poderiam atrapalhar o despertar da atração do sexo oposto, e assim realçar grandemente as características masculinas que fazem uma mulher inconscientemente sentir-se atraída por um homem. Mimetismo é, portanto, o mesmo que enganar, e se baseia em falhas de percepção da vítima.

³ Michel Eyquem de Montaigne é considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal, além de cético e humanista. Nos seus *Ensaio*s analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a humanidade como objeto de estudo.

⁴ Autor de *A educação contra a educação, Convite à leitura de Paulo Freire, História das idéias pedagógicas, Pedagogia das práxis e Perspectivas atuais da educação*.

a pensar. É sempre possível aprender. Aprendemos somente o que interessa ao nosso projeto de vida. E o conhecimento acadêmico? Ele não é diferente. Uma importante característica do conhecimento é a universalidade. Remo Bordei (2005, p. 43) afirma que *Banquete* Platão refere-se ao caráter universal da beleza: “Ela é sempre, não perece... Não é discurso nem cognição”. Assim é o conhecimento. Ele é sempre, não perece, não é discurso. Adquirimos conhecimento nos nossos achadouros. Construir conhecimento é apanhar os desperdícios, é transformar.

Temos baús interiores. Devemos escavar, promover uma garimpagem interna e ir ao encontro dos vestígios do que fomos para tentarmos compreender o que “estamos sendo e no que vamos nos tornando”. Só o conhecimento nos propicia isso. Conhecer é voltar-se para dentro. Conhecimento é pura reflexão. Em algumas situações leva à maldição, como no mito de Édipo. Ao conhecer a verdade sobre o seu passado, Édipo, em desespero, rasga os olhos e tranca-se na escuridão, na ignorância. Não quer mais conhecer. Assim também as atrocidades que se fazem em nome do poder do conhecimento, como causar danos ao planeta com agrotóxicos, bombas de destruição em massa, armas e guerras químicas.

No livro *Introdução à vida intelectual* (2002, p. 210), o jesuíta e professor de teologia João Batista Libânio, ao descrever o conhecimento e a erudição, lista as dificuldades da vida de estudo – da construção diária do trabalho acadêmico e do conhecimento. Ao iniciar seu texto, cita o poeta português Fernando Pessoa: “Pensar incomoda como andar na chuva”.

O conhecimento acadêmico não é fácil de ser gestado. Exige disciplina, empenho, envolvimento, mas também motivação e interesse. Está impregnado de história e de existência humana. Quanto mais conhecemos, maior o abismo da ignorância, mais nos damos a conhecer. Os alunos sempre indagam: para que saber isso? Para que ler este ou aquele texto? Em que momento da minha vida vou precisar desse conhecimento? Todos querem saber quando vão poder utilizar o que aprendem. É o imediatismo. Cabe lembrar o verso do cantor e compositor Renato Russo – “É preciso amar e viver como se não houvesse o amanhã” –, assim como os gregos da Antiguidade, para quem cada dia deve ser vivido com toda a intensidade e plenitude.

Às vezes tem-se a impressão de que certas informações passadas pelos professores nos espaços escolares não circulam significativamente e não completam o percurso para que se desdobrem em conhecimento. O conhecimento que circula nas salas de aulas e nos corredores das escolas tem curto tempo de vida, é perecível. Sua serventia está diretamente associada ao imediatismo

que a modernidade nos impõe, segundo o dominicano Frei Betto⁵ em seu artigo “Os novos deuses da opulência” (Jornal *O Estado de Minas* - Caderno Cultura, 2006). Em outro artigo, da obra *Contos diabólicos* (2003, p. 120), o autor argumenta:

O conhecimento não deriva apenas da razão dos conceitos que trazemos na cabeça. Resulta, também, de fatores não-rationais ou transracionais como a emoção, a intuição, o senso crítico etc. Na Bíblia, conhecer é experimentar. Quando se diz que “Sara conheceu Abraão”, significa mais do que ser apresentado a uma outra pessoa. É fazer a experiência daquela pessoa, tocá-la física e subjetivamente, é amá-la.

Três semanas depois da leitura de um texto acompanhada de discussão, um professor indaga dos alunos sobre a temática tratada e muitas vezes tem como resposta: “Já não me lembro mais, isso foi trabalhado no mês passado, faz muito tempo”. Essa situação remete às palavras de Guimarães Rosa: “É tão de verdade que nem num existe. O que é que fica do que é dito ou do bem dito? O que é importante saber numa época de validade curta do conhecimento e até dos sentimentos?”

As etapas da vida passaram a ter prazo de validade. Temos de renovar o estoque de afetos o tempo todo e assim acontece também com o conhecimento. Numa entrevista à Revista *Bravo!* (2004), o professor de filosofia Renato Janine Ribeiro comenta a relação que as pessoas estabelecem ou não com os sentimentos. Salienta o filósofo que muitas pessoas pensam que, para encontrar um amor, precisam de um coração. Outras apenas de um carro. Segundo um aluno de graduação, para obter conhecimento alguns se debruçam sobre os livros, viajam, relacionam-se com as mais diversas culturas. Outros pensam que basta estar na sala de aula de qualquer escola e lugar.

O conhecimento tem a ver com a observação, com espera. Adquirir conhecimento é gestar, é parir, é tarefa maiêutica.⁶ Um período de aquisição é

⁵ Batizado como Carlos Alberto Libânio Christo, Frei Betto tornou-se uma das figuras mais críticas ao sistema político e econômico do país. Defensor da Teologia da Libertação e escritor consagrado, sua obra mais recente é *Hotel Brasil*, que surpreende pela trama original.

⁶ Criada por Sócrates no século IV a.C., a maiêutica é o momento do “parto” intelectual da procura da verdade no interior do homem. A auto-reflexão, expressa no “conhece-te a ti mesmo”, põe o homem à procura das verdades universais, caminho para a prática do bem e da virtude. Sócrates aplicou-a para questionar os supostos “detentores do conhecimento”, nobres que se diziam mais sábios que o resto da população, a quem podiam controlar, pois eram considerados superiores. Sócrates, em praça pública, questionava os nobres e suas atitudes, e estes nada sabiam responder. Mostrou para todos que os nobres apenas tinham mais dinheiro, mas em relação ao resto, eram iguais ao povo. Maiêutica é também sinônimo de obstetrícia, parte da medicina que estuda os fenômenos da reprodução na mulher. Maieuta é o médico que presta assistência à gestante e seu feto. É o método que consiste em parir idéias complexas a partir de perguntas simples e articuladas dentro de um contexto.

necessário para então se decantar as informações, posteriormente processadas via conhecimento.

Ao serem recebidas, as informações entram num movimento circular. Para a pesquisadora Ângela Levy (Projeto Pesquisa/Neurociência - 2006 - FUMEC), as informações ocupam lugar em nosso cérebro ao serem absorvidas, para depois decantarem. O cérebro humano as absorve como uma antena que gira 360 graus. As informações entram espiralando no cérebro humano e adquirem movimento. Depois de decantadas, circulam juntamente com o que já temos de registro e se transformam em conhecimento. Esse conhecimento é colocado em movimento, ao qual chamamos práxis, isto é, a ação pensada e refletida, na definição de Henrique de Lima Vaz (2000, p. 62)

No *Dicionário dos símbolos* (1993, p. 202) encontramos que o conhecimento pode ter ligação direta com o coração. O coração de um homem é o seu próprio Deus. O homem brilha quando o seu coração está satisfeito. O homem age quando o seu coração está satisfeito, segundo um discípulo dos sábios, na religião egípcia. A alegria é responsável por nosso movimento e deslocamento. Saímos do lugar e nos tornamos outros quando estamos em estado de alegria. O conhecimento é gerado quando estamos em movimento, quando nos deslocamos.

Na Grécia Antiga, a filosofia platônica introduzia a idéia de dois mundos: o mundo sensível, permeado por nossas experiências cotidianas, mundo da incerteza, da dúvida, da temporalidade, e o mundo inteligível, ao qual se ascende pelo uso da razão. É o mundo dos conceitos, da certeza. Em alguns períodos da história, como nos séculos XVII e XVIII, a ciência e seus métodos se recusaram a dialogar com outras ciências. A dificuldade das relações fronteiriças e do diálogo resultava num movimento diferente da construção do conhecimento, cujo sentido, na época, era da dúvida à certeza:

No século XVII o filósofo e matemático René Descartes consagra a maioria de suas obras às ciências. O matemático almejava um modo de chegar ou se aproximar o máximo possível das “verdades concretas”. Parte da dúvida para chegar à certeza a partir de uma argumentação de que as idéias em geral são incertas e instáveis, sujeitas à imperfeição dos sentidos. Rejeitava a idéia escolástica de que existe uma distinção na variedade de conhecimentos. Para o filósofo, a capacidade de conhecer é sempre a mesma, qualquer que seja o objeto. Qualquer que seja o objeto, a capacidade de conhecer ou o conhecimento bem aplicado pode resvalar no erro ou na dúvida. (BURKE, 2003, p. 146)

De acordo com o pensamento cartesiano, o homem necessita de uma higiene mental. A mente requer e se alimenta do exercício do bom senso e da

aquisição de sabedoria, o que por sua vez depende do conhecimento das verdades metafísicas e de Deus, reitera Descartes. No século XX, Gadotti (2003) demarca esse território e aponta para a urgência de se ascender ao conhecimento verdadeiro e se desprezar o desnecessário e se retirar os excessos.

Após o século XVII, o mundo recusou o pensamento cartesiano e a idéia de separação, mas conservou a idéia premente de uma higiene mental, desprezo do desnecessário e retirada dos excessos. O conhecimento se destina a fazer com que o ser humano compreenda a sua condição e ajude na melhoria da qualidade do mundo. O conhecimento pode nos remeter a um lado prosaico e poético da nossa vida. É gerado no mesmo *locus* do saber e da educação. Quando a aquisição do conhecimento é crivada pela certeza, pode trazer prejuízos imensos à humanidade. A certeza paralisa as idéias, atrasa o fluxo das culturas e da ciência.

Abstract

The theme of this paper results from a roundtable in the opening class of the Course of History, in the first semester of 2006, entitled 'The processes of building up academic knowledge: conflicts and achievements'. The interlocutors in this debate around knowledge and education are investigators from various fields: Edgar Morin, Peter Burke, Moacir Gadotti, Frei Betto, João Batista Libânio and Juvenal Arduini. Their ideas enrich the reflection with different shades from various discourses on knowledge. The theoretical basis aims at sharpening the focus of the discussion, which approaches the concept proposed by the text with basis on a dialogue with education and knowledge.

Key words: Knowledge; Education; Certainty; Uncertainty.

Referências

- ARDUINI, Juvenal. *Antropologia: ousar para reinventar a humanidade*. Coleção Estudos Antropológicos. São Paulo: Paulus, 2002.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionários de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Vera da Costa e Silva. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- CHRISTO, Carlos Alberto Libânio (Frei Betto). *Treze contos diabólicos (e um angélico)*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

GADOTTI, Moacir. Documentário. *ATTA Mídia e Educação*, São Paulo, 2003.

LIBÂNIO, João Batista. *Introdução à vida intelectual*. Coleção Humanística. São Paulo: Loyola, 2002.

MONDIN, Battista. *O homem: quem é ele?* Elementos de antropologia filosófica. Tradução R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

MORIN, Edgar. Documentário – Coleção Grandes Pensadores. ATTA – Médio e Educação, Paulus, 55m., 2006.

OLIVEIRA, Ibraim Vitor de. *Arché e Telos: niilismo filosófico e crise de linguagem em Fr. Nietzsche e M. Heidegger*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2004.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia II: ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1993.

